

Boa Nova para cada dia / Agosto 2015

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

António Santana, s.j. (Domingos e Dias Santos)

Tempo Comum – Transfiguração do Senhor / Assunção da Virgem Santa Maria

Sáb, 1 – SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO (Memória)

1º SÁBADO

Lev 25, 1.8-17 / Slm 66 (67), 2-3.5.7-8 / Mt 14, 1-12

Por causa do juramento... (Evangelho)

Herodes ficou preso à sua palavra. Todos ficamos presos a todas as palavras que dizemos, mas algumas têm mais peso. E como as palavras têm peso, é importante pesá-las. Pesá-las antes de as dizermos, porque as palavras podem ser um veículo do que Deus quer que digamos aos outros. Se dizemos as palavras erradas, não acertamos no alvo, se não dizemos, essa mensagem de Deus fica por dizer. Temos que ter atenção às palavras. Elas podem ser divinas. O leitor medite nisto.

Dom, 2 – DOMINGO XVIII DO TEMPO COMUM – Ano B

Ex 16, 2-4.12-15 / Slm 77 (78), 3.4bc.23-24.25.54 / Ef 4, 17.20-24 / Jo 6, 24-35

A liturgia da Palavra deste domingo está em ligação com as leituras da semana passada. Jesus multiplicara os cinco pães e os dois peixes para alimentar cerca de cinco mil pessoas. Agora, explica-lhes o sentido do Pão que é a sua própria vida, dado a cada um como anúncio da Eucaristia.

O Evangelho é introduzido com o texto da primeira leitura, retirado do Livro do Êxodo.

O Povo de Israel, peregrino do Egipto até à Terra Prometida, face às dificuldades da travessia do deserto, sente-se desanimado. Moisés intercede pelo Povo e Deus oferece o maná. «Vou fazer que chova para vós pão do céu», diz Deus. E Moisés agradece, anunciando a todos que este «é o pão que o Senhor dá em alimento». No maná, Deus mostra-Se paciente com o Povo sempre insatisfeito, temeroso

e pouco confiante. Ao mesmo tempo, manifesta o seu poder de providenciar nos momentos decisivos para que nada falte a quem crê no seu poder. Deus acompanha-nos e sustenta-nos quando mais precisamos, mas nem sempre estamos atentos à forma como Se dá em alimento. Faz-Se presente num amigo que nutre o nosso desalento, na Palavra que sacia a nossa fé, no Pão eucarístico que fortalece a vida. Como temos reconhecido Deus, ultimamente, no quotidiano das nossas vidas?

O Evangelho segundo S. João recorda esta passagem do Antigo Testamento no momento em que Jesus é interpelado pela multidão que O procura em Cafarnaum, depois da multiplicação dos pães e dos peixes. Deslumbrados com o milagre realizado, vão atrás do brilho do sucesso, sem se darem conta das falsas motivações pelas quais seguem Jesus. «Vós procurais-Me, não porque visteis milagres, mas porque comestes dos pães e ficastes saciados. Trabalhai, não tanto pela comida que se perde, mas pelo alimento que dura até à vida eterna», diz Jesus. Estamos a ser convidados a purificar as razões que nos movem para Deus, a agradecer os dons re-

cebidos, colocando-nos como colaboradores da construção do Reino, mais que como depósito das graças para benefício pessoal. Como reacção às palavras de Jesus, a multidão comenta ainda, sobre os milagres que fazia, que «no deserto os nossos pais comeram o maná, conforme está escrito: ‘Deu-lhes a comer um pão que veio do céu’». Jesus revela, então, a sua identidade: «O pão de Deus é o que desce do Céu para dar a vida ao mundo. Eu sou o pão da vida: quem vem a Mim nunca mais terá fome, quem acredita em Mim nunca mais terá sede». Em que é que se traduz, neste momento concreto da minha vida, a confiança que tenho em Jesus? Até onde sou levado a acreditar n’Ele como Filho de Deus? À semelhança do que diz ainda a multidão, «que devemos nós fazer para praticar as obras de Deus?»

Por fim, a Epístola de S. Paulo aos Efésios traz-nos esta afirmação do Apóstolo dos Gentios: « revesti-vos do homem novo, criado à imagem de Deus na justiça e santidade verdadeiras ». Não podemos voltar atrás, ao «homem velho», a uma vida longe de Deus, à tentativa de buscar o sucesso e a glória para benefício pessoal.

É preciso aprofundar a relação com Deus a partir de Jesus, renovar a vida tendo o Filho como imagem e modelo.

Seg, 3 – SEMANA XVIII DO TEMPO COMUM

Num 11, 4b-15 / Slm 80 (81), 12-17 / Mt 14, 13-21

Retirou-Se... para um local deserto... (Evangelho)

A capacidade para fazermos deserto tem que ser conquistada por nós. Cada um tem que o fazer consoante as possibilidades da sua vida. Não será a mesma coisa para uma pessoa com uma vida contemplativa ou uma pessoa que trabalha das 9h00 às 20h00 e tem a família em casa. Mas só vamos arranjar tempo para Deus se sentirmos uma necessidade real. É esse sentimento de necessidade que temos de pedir.

Ter, 4 – s. JOÃO MARIA VIANNEY (Memória)

Num 12, 1-13 / Slm 50 (51), 3-6c.7.12-13 / Mt 14, 22-36

Jesus foi ter com eles, caminhando sobre o mar. (Evangelho)

Este milagre é muito curioso porque Jesus nunca faz um milagre em benefício próprio. Aqui parece fazê-lo. Mas é só aparência. No fundo, Jesus quer dar uma lição de fé. Deu-a para que acreditassem que era Senhor da natureza. E deu outra lição a Pedro: que a fé não é uma questão de entusiasmo, mas implica uma relação trabalhada. A cabeça de Pedro estava entusiasmada, mas o seu coração ainda não estava apanhado. O do leitor está?

Qua, 5 – SEMANA XVIII DO TEMPO COMUM

Num 13, 1-2.25 – 14, 1.26-29.34-35 / Slm 105 (106), 6-7a.13-14.21-22.23 / Mt 15, 21-28

Não fui enviado senão às ovelhas perdidas.... (Evangelho)

Esta frase é muito consoladora. Nós somos ovelhas perdidas, não condenadas ao inferno, no sentido de andarmos desgarrados, espartilhados por todas as preocupações do dia-a-dia, por todas as pessoas que nos puxam, por todas as coisas que temos que fazer, por todo o barulho que há à nossa volta. Estamos perdidos e Cristo veio para nós. O leitor compenetre-se disto.

Qui, 6 – TRANSFIGURAÇÃO DO SENHOR (Festa)

Dan 7, 9-10.13-14 / Slm 96 (97), 1-2.5-6.9.12 / 2 Pe 1, 16-19 / Mc 9, 2-10

Mas perguntavam entre si o que seria a ressurreição dos mortos. (Evangelho)

Às vezes perguntamo-nos o que será isso da ressurreição dos mortos. As pistas que temos são poucas. Seja como for, tem alguma coisa que ver com o que se passou aqui, mas é uma transformação descomunal. É para lá que caminhamos e é nela que temos que ter os olhos postos. Nunca podemos perder a perspectiva da vida eterna. O leitor, hoje, medite sobre esta continuidade que é a vida eterna, para ir assimilando bem esta realidade.

Sex, 7 – SEMANA XVIII DO TEMPO COMUM

1ª SEXTA-FEIRA

Dt 4, 32-40 / Slm 76 (77), 12-16.21 / Mt 16, 24-28

Tome a sua cruz. (Evangelho)

O facto de Jesus dizer «tome» a sua cruz faz parecer que temos a nossa cruz ao nosso lado e que ela só vem para cima de nós quando a «tomamos». Daí que fiquemos a achar que isto de ser cristão é um caminho de muito sofrimento e muitas dores porque temos que andar sempre com a cruz às costas. O que se passa é que a cruz já está em cima de nós. A cruz é concomitante ao nascimento. O tomá-la só quer dizer levá-la com alegria e arrojo.

Sáb, 8 – S. DOMINGOS (Memória)

Dt 6, 4-13 / Slm 17 (18), 2-3.7.47.51ab / Mt 17, 14-20

... tem compaixão do meu filho. (Evangelho)

Deus pode ter ou não ter compaixão de nós, no sentido de curas físicas. Isso mantém a nossa liberdade e a nossa independência em relação aos favores de Deus. A nossa caminhada para Deus tem que ser independente do que Deus nos faz. A acção de Deus em nós está envolta em brumas. Não sabemos nem o que Deus vai fazer nem estamos completamente seguros quanto ao que Deus já fez. Mas é isso que mantém o nosso amor gratuito.

Dom, 9 – DOMINGO XIX DO TEMPO COMUM – Ano B

1 Reis 19, 4-8 / Slm 33 (34), 2-3.4-5.6-7.8-9 / Ef 4, 30 – 5, 2 / Jo 6, 41-51

Continuamos a ouvir a catequese de Jesus sobre o Pão da Vida. Jesus apresenta-Se como Aquele que pode saciar as nossas fome mais profundas, o desejo de sermos amados com dignidade e respeito, para lá das nossas debilidades e fragilidades.

A primeira leitura traz-nos um dos episódios mais dramáticos da vida do profeta Elias. O Primeiro Livro dos Reis narra-nos o momento em que Elias, depois de ter saído vitorioso do Monte Carmelo, onde desmascarara a falsidade do deus Baal, tem de fugir para o deserto, ameaçado pela rainha Jezabel. Fizera um duelo entre a invocação ao Deus de Israel e a crença pagã no deus da fertilidade, Baal, idolatrado por muitos judeus. No momento em que Elias se sente vencedor, a rainha Jezabel ameaça-o de morte e ele foge, com medo. No meio do deserto, desiludido, triste e desalentado, ouve a voz do Anjo do Senhor que diz: «Levanta-te e come, porque ainda tens um longo caminho a percorrer». Ele levantou-se, comeu e bebeu». Fortalecido com aquele alimento, caminha durante quarenta dias e quarenta noites até ao monte

de Deus, Horeb. À semelhança do profeta, também nós temos um longo caminho a percorrer. É a nossa vida toda, feita de contrastes entre alegrias e vitórias, a par de tristezas e derrotas. No prato da balança, deixamo-nos facilmente desanimar com as dificuldades e nem sempre vemos ao nosso lado a presença de Deus que nos fortalece. “Levanta-te”, é a voz do Senhor a animar-nos. Talvez nos custe ouvir esta voz porque deixámos de frequentar a Eucaristia com regularidade; ou, então, porque a vivemos sem sabor, perdida a consciência do mistério que nos é dado viver.

O Apóstolo S. João, no seu Evangelho, recorda-nos que o mistério do Sacramento da Eucaristia tem a sua centralidade no Corpo e no Sangue de Cristo. «Eu sou o pão da vida»; «Eu sou o pão vivo que desceu do Céu. Quem comer deste pão viverá eternamente». É na comunhão eucarística que nos fortalecemos para a longa caminhada da vida que nos conduz ao Céu. Transformados por este dom que vem do alto, tornamo-nos participantes da vida de Cristo, colaboradores da sua missão na

instauração do Reino de Deus entre os homens. Nem sempre é fácil compreender este mistério e muitos judeus diziam mesmo: «Não é ele [Jesus], o filho de José? Não conhecemos o seu pai e a sua mãe? Como é que Ele diz agora: 'Eu desci do Céu'?» Curiosamente, a incompreensão desvanecese pela fidelidade à oração e pela perseverança na frequência regular dos Sacramentos. Somos alimentados na fé sem nos darmos conta e os frutos deste alimento são o aumento da fé, da esperança e da caridade.

Na Epístola aos Efésios, S. Paulo diz: «Sede imitadores de Deus, como filhos muito amados»; e completa o discurso especificando que é preciso sermos bondosos e compassivos, perdoando-nos mutuamente, caminhando na caridade, a exemplo de Cristo. O alimento eucarístico que recebemos deve levar-nos a testemunhar com a vida Aquelle que nos fortalece. Quanto mais estivermos em sintonia com Jesus, mais naturalmente seremos idênticos a Ele no modo de agir.

Seg, 10 – S. LOURENÇO (Festa)

2 Cor 9, 6-10 / Slm 111 (112), 1-2.5-9 / Jo 12, 24-26

Quem ama a sua vida, perdê-la-á... (Evangelho)

Então quem despreza a sua vida é que será perfeito? Não. O que esta frase quer dizer é que não podemos amar a vida mais do que a Deus. Basta olharmos para a vida de Jesus para percebermos que é assim. Jesus não desprezou a sua vida. Pelo contrário, vemo-Lo sempre entusiasmado com a sua missão – embora às vezes exasperado ou muito zangado. Mas não amava mais a vida do que o Pai. Quando chegou a hora, entregou a vida. É esta espécie de desprendimento que nos é pedida.

Ter, 11 – SANTA CLARA (Memória)

Dt 31, 1-8 / Dt 32, 3-4a.7-9.12 / Mt 18, 1-5.10.12-14

Quem for humilde como esta criança... (Evangelho)

A criança tem duas características que não são para imitar, o egocentrismo e as birras. E tem duas características que

devemos imitar: a confiança e a total dependência dos pais. Assim devemos ser com Deus: ter uma confiança completa e uma dependência total. É isto o contrário do orgulho, o entregarmo-nos completamente nas mãos de Deus. Hoje, o leitor peça esta graça.

Qua, 12 – SEMANA XIX DO TEMPO COMUM

Dt 34, 1-12 / Slm 65 (66), 1-3a.5.9.16-17 / Mt 18, 15-20

Se o teu irmão te ofender, vai ter com ele... (Evangelho)

Muitas vezes, isto não dá bom resultado. A não ser que a pessoa que ofende o tenha feito involuntariamente, normalmente saímos destes encontros mais ofendidos. Mas podemos ter esse encontro no nosso coração. No nosso coração, podemos estar sempre reconciliados, não querer mal, querer bem, “rezar por”. Podemos ir ter com o nosso irmão no nosso coração. O que já é muito bom porque, muitas vezes, não o queremos ter lá.

Qui, 13 – SEMANA XIX DO TEMPO COMUM

Jos 3, 7-10a.11.13-17 / Slm 113 A (114), 1-6 / Mt 18, 21 – 19, 1

Até setenta vezes sete. (Evangelho)

Perdoar até setenta vezes sete quer dizer perdoar sempre. E como é que se perdoa sempre a uma pessoa que nos abre uma ferida cada vez maior? O que é preciso é estar aberto, continuar sempre abertos, porque uma ferida aberta tem tendência a fechar-nos. Abertos à acção de Deus em nós para não deixarmos endurecer o nosso coração com o sofrimento. Esse é que é o grande desafio.

Sex, 14 – S. MAXIMILIANO MARIA KOLBE (Memória)

1 Jo 3, 14-18 / Slm 115 (116), 10-13.16-17 / Jo 15, 12-16 (L. Santoral)

... como Eu vos amei. (Evangelho)

Perante esta frase, são possíveis várias atitudes: ou dizer que é completamente impossível – e é-o, de facto; ou que nos podemos esforçar – e, de facto, podemos. Mas este esforço não pode ser tipo “agora vou esforçar-me”. Tem que ser um esforço pensado

pela inteligência e seguro pelo coração. Hoje, o leitor, ponha-se diante de Deus e pense num “outro” para amar, e como é que o há-de fazer melhor.

Sáb, 15 – ASSUNÇÃO DA VIRGEM SANTA MARIA

Ap 11, 19a; 12, 1-6a.10ab / SIm 44 (45), 10.11.12.16 / 1 Cor 15, 20-27 / Lc 1, 39-56

O dogma da Assunção da Virgem Santa Maria é relativamente recente (data de 1950) e foi proclamado pelo Papa Pio XII. No entanto, desde cedo as comunidades cristãs primitivas do Oriente celebraram a chamada festa da “dormição” da Mãe de Deus. Ainda que nos foquemos na figura de Maria, este dogma corresponde à fé na ressurreição na carne de cada pessoa humana, a partir da ressurreição de Jesus.

Na visão que o texto do Apocalipse de S. João nos apresenta, encontramos a figura de Maria como Mãe de Deus e Mãe da Igreja. Diz-nos o texto que «uma mulher revestida de sol, com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça» geme as dores da maternidade. O filho, que está para nascer, ameaçado por um enorme dragão, «há-de reger todas as nações com ceptro de ferro». É no Filho que se centra a tensão de toda a cena. A Mãe dá à luz um filho varão, o próprio Deus encarnado, que vem para sal-

var a humanidade. Jesus faz-Se um de nós, nasce, cresce, vive, morre e ressuscita. Todo o mistério humano tem de ser compreendido à luz da sua vida e só assim se compreende, também, o mistério de Maria. Como ela, não nos podemos demitir das diversas etapas por que passa a nossa vida, do nascer ao morrer. De que forma Deus ocupa espaço nos momentos decisivos do nosso viver?

O Apóstolo S. Paulo, na Epístola que escreve aos Coríntios, recorda que o Filho de Deus abriu o caminho da ressurreição a todos os homens: «Cristo ressuscitou dos mortos, como primícias dos que morreram. Em Cristo, serão todos restituídos à vida». Para percorrermos o mesmo caminho, temos de O seguir na vida presente. O momento final da nossa vida não será um acto isolado, mas a continuidade da vida. Em cada instante temos escolhas e opções entre amar o próximo ou ficar fechado em si mesmo, entre construir ou destruir, en-

tre dar ou reter tudo como se fôssemos o centro do mundo. Maria foi exemplo da mulher descentrada, virada para fora de si, obediente à vontade de Deus e disponível na obra da construção do Reino. À imagem da Mãe de Deus, como nos colocamos em missão, ao serviço de Jesus Cristo?

A liturgia da Palavra completa-se com o Evangelho de S. Lucas. Maria apressa-se em direcção a uma cidade de Judá para ir ao encontro da sua prima Isabel. Põe-se a caminho de quem precisa de ajuda, alegre por se comprometer com o projecto de Deus. Não se detém, quando sente que o Senhor a envia. Maria pertence a esse resto de Israel que aceitou

o dom definitivo da salvação de Deus e que, por isso, acolhe o Messias como o dom de Deus a emergir no seu seio. No cântico do *Magnificat* expressa a acção de graças das esperanças do povo que confia. Apesar de não compreender tudo, está preparada para o que vier. A sua fé não assenta em esperar quaisquer benefícios, mas torna-se serviço à causa do plano salvador de Deus. Maria foi fiel porque foi dizendo «sim» ao leque das possibilidades de Deus e o mesmo nos é pedido. Estamos abertos para acolher o dom, disponíveis no serviço, agradecidos pela força? Em que medida Maria nos serve de modelo na fé, na esperança e na caridade?

Dom, 16 – DOMINGO XX DO TEMPO COMUM – Ano B

Prov 9, 1-6 / SIm 33 (34), 2-3.10-11.12-13.14-15 / Ef 5, 15-20 / Jo 6, 51-58

Há já várias semanas que a liturgia da Palavra nos conduz pelo capítulo sexto do Evangelho de S. João. É este discurso sobre o Pão da Vida, estritamente ligado ao mistério da Eucaristia, que dá o mote à celebração.

«Eu sou o pão vivo que desceu do Céu», diz-nos Jesus. E continua: «Quem comer deste pão viverá eternamente. Quem come a minha carne e bebe o

meu sangue tem a vida eterna». Para compreendermos o verdadeiro alcance destas palavras, temos de viajar até ao texto original, redigido em grego. Na citação transcrita, aparece duas vezes o verbo “comer” que corresponde, no original, a dois verbos diferentes. O verbo grego usado na primeira frase é *esthiein*, que significa “comer”, no sentido

estrito de “ingerir”; no segundo caso, é usado um outro verbo, *trogein*, que significa também “comer”, mas num sentido mais lato, de “mastigar” e “saborear”. É aqui que reside a compreensão do mistério do Corpo de Cristo que nos é dado em alimento. É preciso comer o Corpo de Cristo consagrado na Eucaristia, isto é, é necessário ingeri-Lo para que a vida de Deus nos alimente a fé, a esperança e a caridade. Isto só acontece quando se vive de coração sintonizado com Deus, purificado com regularidade no Sacramento da Reconciliação. A comunhão tem de ser preparada e vivida com seriedade, para produzir efeitos de graças. E tudo isto responde à primeira parte do discurso de Jesus.

Mas há mais: é ainda necessário “mastigar” o Pão que nos é dado, como nos sugere o segundo sentido do gesto “comer”. Temos de digerir a vida de Jesus através da Palavra, também ela alimento que fortalece e consolida a nossa vida cristã. Neste sentido, o Livro dos Provérbios diz que «a Sabedoria edificou a sua casa. Aos insensatos ela diz: ‘Vinde comer do meu pão e beber do vinho que vos preparei. Deixai

a insensatez e vivereis; segui o caminho da prudência’». O mistério da vida humana só se compreende se é lido e relido com os olhos de Deus, quando passa pelo crivo da Palavra que os Evangelhos nos transmitem. É pela palavra de Jesus que somos guiados nos caminhos de Deus, que conseguimos discernir as opções a tomar para mais amar e servir o projecto do Reino. É pelo conhecimento interno da vida do Filho de Deus encarnado que se abre o entendimento e a compreensão dos acontecimentos que fazem parte da nossa vida e se descobre por onde passa a vontade de Deus. Como diz de forma semelhante o apóstolo S. Paulo, na Epístola aos Efésios: «Não vivais como insensatos, mas como pessoas inteligentes. Aproveitai bem o tempo, procurai compreender qual é a vontade do Senhor».

Cantamos hoje no refrão do salmo: «Saboreai e vede como o Senhor é bom». Peçamos a graça de saborear sempre a presença de Deus no alimento que nos é dado na Eucaristia e que fortalece a nossa fé: a Palavra que nos torna mais conhecedores da presença de Deus no mundo e o Corpo de Cristo que fortalece a nossa fé.

Seg, 17 – SEMANA XX DO TEMPO COMUM

Jz 2, 11-19 / Slm 105 (106), 34-40 / Mt 19, 16-22

Mestre, que hei-de fazer de bom para ter a vida eterna? (Evangelho)

O que aquele jovem tinha que fazer, para além de cumprir os mandamentos, era vender tudo o que tinha e dar aos pobres. Qual é o extra que o leitor tem que fazer, para além de cumprir os mandamentos? Pode ser desapegar-se disto ou daquilo, fazer alguma coisa, tomar uma decisão há muito adiada, amar mais, amar melhor, amar mais inteligentemente. Hoje, faça a sua oração sobre isto.

Ter, 18 – SEMANA XX DO TEMPO COMUM

Jz 6, 11-24a / Slm 84 (85), 9.11-14 / Mt 19, 23-30

Aos homens isso é impossível, mas a Deus tudo é possível. (Evangelho)

Aos homens é impossível salvarem-se, mas Deus salva-os. Não vejamos isto como uma espécie de pena que Deus tem dos homens que não conseguem nada por si próprios. Vejamos antes assim: Deus é amor e o homem não é nada se não amar. Caro leitor, ame e seja feliz. Hoje peça a Deus: Pai, faz-me amar e ser feliz com isso.

Qua, 19 – SEMANA XX DO TEMPO COMUM

Jz 9, 6-15 / Slm 20 (21), 2-7 / Mt 20, 1-16a

... só uma hora e deste-lhes a mesma paga. (Evangelho)

Vejo sempre este texto como um desafio à nossa capacidade de nos alegrarmos com a felicidade dos outros. Suponho que, em tais circunstâncias, a minha reacção seria como a dos trabalhadores da primeira hora. Mas, de facto, não foram prejudicados em nada. Porque será que temos esta dificuldade em nos alegrarmos com o bem dos outros? Quando chegarmos ao Céu vamos ter situações semelhantes. Preparemo-nos. Rezemos.

Qui, 20 – S. BERNARDO (Memória)

Jz 11, 29-39a / Slm 39 (40), 5.7-11ab / Mt 22, 1-14

Muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos. (Evangelho)

Se não atendermos bem à parábola, esta frase pode causar-nos alguma perplexidade por parecer que Nosso Senhor, entre os que chama, só escolhe alguns. Mas o que a parábola nos diz é que os chamados que não foram escolhidos são os que não quiseram ir ao banquete. É com isso que temos que ter cuidado: pôr alguém ou alguma coisa entre nós e Deus. Hoje, o leitor reze para que Deus lhe dê a graça de O acolher em todas as circunstâncias.

Sex, 21 – S. PIO X (Memória)

Rt 1, 1-2a.3-6.14b-16.22 / Slm 145 (146), 5-6ab.7-10 / Mt 22, 34-40

Feliz o homem que põe a sua confiança no Senhor. (Salmo)

Deus atende-nos sempre. Quero dizer: como Ele próprio diz, sempre que Lhe pedimos alguma coisa, dá-nos o Espírito Santo. Dito de outra maneira: sempre que Lhe pedimos alguma coisa, põe-nos sempre mais próximos de Si. Porque mesmo se não nos dá o que nós queremos, faz-nos exercitar a nossa liberdade de O escolher, apesar de não nos ter dado o que Lhe pedimos. O leitor medite nisto.

Sáb, 22 – VIRGEM SANTA MARIA, RAINHA (Memória)

Is 9, 1-6 / Slm 112 (113) 1-8 / Lc 1, 26-38 (*L. Santoral*)

Ele será grande e chamar-Se-á Filho do Altíssimo. (Evangelho)

Nada nos indica que, ao princípio, Nossa Senhora tivesse alguma ideia do que, no Reino, era “grandeza”. Mas começou a ser instruída desde o começo, quando a “grandeza” do nascimento foi um estábulo. Depois, foi o que sabemos. Daí que Nossa Senhora nos possa ajudar especialmente na nossa conversão aos valores do Reino, tão contrários aos nossos.

Dom, 23 – DOMINGO XXI DO TEMPO COMUM – Ano B

Jos 24, 1-2a.15-17.18b / Slm 33 (34), 2-3.16-17.18-19.20-21.22-23 / Ef 5, 21-32 /

Jo 6, 60-69

Nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio existe uma meditação chamada de “Duas Bandeiras”. Somos colocados diante da escolha entre a bandeira de Cristo e a bandeira do poder do mal, na consciência de que a nossa vida é feita de opções. Aquilo que escolhermos transformará o nosso modo de ser. Na liturgia da Palavra deste domingo somos confrontados com as escolhas que nos definem diante de Deus.

A primeira leitura, extraída do Livro de Josué, conta-nos como o Povo de Israel, acabado de se instalar na nova terra, é chamado a renovar o seu compromisso com Deus. Josué reúne as tribos de Israel e interroga-as sobre as suas disposições: «Se não vos agrada servir o Senhor, escolhei hoje a quem quereis servir: se os deuses que os vossos pais serviram no outro lado do rio [refere-se ao tempo vivido no Egito], se os deuses dos amorreus em cuja terra habitais [isto é, Israel]. Eu e a minha família serviremos o Senhor».

Diante da escolha entre permanecer fiel a Deus ou seguir os deuses pagãos dos povos vizinhos, o Povo mantém-se unido ao seu Senhor. Foi Deus quem o libertou da escravidão

do Egito e o conduziu à Terra Prometida. Recordando a história da salvação e as maravilhas que Deus fez por si, o Povo eleito diz numa só voz: «Também nós queremos servir o Senhor, porque Ele é o nosso Deus». Que sentimentos provoca em nós este acontecimento? Até que ponto temos servido o Senhor, revelando com as nossas opções de vida que só Ele é o nosso Deus?

Em continuidade com esta leitura, o Evangelho de S. João traz-nos Jesus a interrogar os seus discípulos sobre as exigências do seguimento. Depois do longo discurso sobre o Pão da Vida, que fomos lendo ao longo dos últimos domingos, muitos dos que o ouviram comentam: «Estas palavras são duras». Diz o texto que, a partir daquele momento, muitos se afastaram e já não andavam com Ele. Então Jesus interpela os Doze Apóstolos com estas palavras: «Também vós quereis ir embora?» Simão Pedro, em nome do grupo, diz: «Para quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna». Seguir Jesus é exigente. É preciso amar a Igreja e aceitar o que nos propõe como caminho para Deus, mesmo que, por vezes, não compreendamos tudo o que

é dito. É fundamental cultivar uma relação pessoal com Jesus através da oração, onde vamos entendendo a sua Presença no meio de nós, seja nos momentos de maior consolação, seja naqueles em que as dificuldades nos tentam ao desânimo. É ainda importante sair para fora de si mesmo, ao encontro de quem vive mais só, a necessitar de uma mão amiga ou de uma palavra de conforto. Somos responsáveis pelos nossos gestos, pelas escolhas que fazemos.

Por fim, a Epístola aos Efésios traz-nos uma outra leitura das escolhas a partir do amor entre os cônjuges, como imagem do amor entre Cristo e a Igreja. Todos os cristãos são chamados a amar-se como Cristo os amou. E isto significa escolher pôr-se ao serviço uns dos outros, fazendo da família um lugar onde a opção fundamental é viver descentrado de si, aberto a um amor que diviniza e que se torna sagrado, à imagem e semelhança de Jesus.

Seg, 24 – S. BARTOLOMEU, APÓSTOLO (Festa)

Ap 21, 9b-14 / Slm 144 (145), 10-13.17-18 / Jo 1, 45-51

Vereis o Céu aberto... (Evangelho)

Aqui na terra também temos pequenos céus que temos para abrir. Há tempos, na televisão, uma pessoa dizia que a felicidade não é possível. Eu acho que é. Podemos ter pequenos céus. Quando nos sentimos amados, as portas do Céu abrem-se para nós. Quando Deus nos manda uma brisa refrescante, as portas do Céu abrem-se sobre nós. As portas do Céu abrem-se muitas vezes à nossa volta. É uma questão de estarmos atentos e irmos agradecendo a Deus.

Ter, 25 – SEMANA XXI DO TEMPO COMUM

1 Tes 2, 1-8 / Slm 138 (139), 1-3.4-6 / Mt 23, 23-26

Coais o mosquito e engolis o camelo. (Evangelho)

É como rezar o terço e andar a dizer mal do próximo. Dizer mal do próximo torna a reza do terço uma hipocrisia. A reza do terço implica um interior limpo. Foi isso que Nossa Senhora disse aos pastorinhos. O facto de rezarmos tem que ser, para nós, uma exigência acrescida, não um apaziguamento da consciência. A

não ser que rezemos o terço para não dizermos mal do próximo. Neste caso, há um todo coerente. Nossa Senhora ajuda-nos e acolhe a nossa oração com gosto.

Qua, 26 – SEMANA XXI DO TEMPO COMUM

1 Tes 2, 9-13 / Slm 138 (139), 7-12 / Mt 23, 27-32

... sois os filhos daqueles que mataram os profetas. (Evangelho)

Temos que estar atentos aos profetas à nossa volta. Há uns que são fáceis de identificar. O Evangelho, algumas homilias, alguns escritos espirituais. Outros são mais ou menos fáceis de identificar: uma pessoa que nos diz alguma coisa que entendemos ser “profética”. Mas há profecias que se escondem nos sinais dos tempos e exigem uma sensibilidade especial para serem decifradas. Peçamos a Deus essa sensibilidade.

Qui, 27 – SANTA MÓNICA (Memória)

Sir 26, 1-4.16-21 / Slm 130 (131), 1-3 / Lc 7, 11-17 (L. Santoral)

Deus visitou o seu povo. (Evangelho)

Agora somos nós que temos que fazer esta visita. Somos nós os representantes de Deus para as pessoas à nossa volta e para a “irmã natureza”. O que quer dizer estar atento às necessidades do outro e da natureza. E às nossas necessidades também. Com um caridoso equilíbrio. O leitor reze sobre este equilíbrio.

Sex, 28 – SANTO AGOSTINHO (Memória)

1 Jo 4, 7-16 / Slm 118 (119), 9-14 / Mt 23, 8-12 (L. Santoral)

Um só é o vosso Mestre. (Evangelho)

É bom lembrarmo-nos que os nossos valores normalmente estão ao contrário. O Mestre é uma vizinha fraquinha lá no fundo de nós e não algum personagem da moda política ou outra. O nosso mestre é a nossa consciência que vamos formando – que temos que ir formando! – para agir com recta intenção. E com recta intenção ouvir a voz de Deus. O leitor forma a sua consciência?

Sáb, 29 – MARTÍRIO DE S. JOÃO BAPTISTA (Memória)

Jer 1, 17-19 / Slm 70 (71) 1-6ab.15ab.17 / Mc 6, 17-29 (L. Santoral)

Agradou a Herodes. (Evangelho)

Herodes deixou-se levar pela paixão e isso custou a vida a um homem santo. Que esta história não afaste a vista de nós próprios. Temos que nos perguntar qual é a nossa paixão que tira a vida ao nosso irmão. “Nenhuma”, diremos. Mas as pequenas paixões tiram bocadinhos de vida sempre que nos pomos entre o bem que podíamos ter feito e o nosso irmão. O leitor lembre-se de uma ocasião e veja qual foi a paixão que esteve em jogo.

Dom, 30 – DOMINGO XXII DO TEMPO COMUM – Ano B

Deut 4, 1-2.6-8 / Slm 14 (15), 2-3a.3cd-4ab.5 / Tg 1, 17-18.21b-22.27 / Mc 7, 1-8.14-15.21-23

Quase sempre, quando ouvimos falar dos Mandamentos da Lei de Deus pensamos em falta de liberdade e numa imposição da Igreja, como se nos quisessem controlar os gestos e o modo de agir. Na melhor das hipóteses, vemos neles o cumprimento da vontade de Deus, mas, mesmo assim, vêm associados a um falso temor de Deus que castiga os transgressores. A Palavra proclamada neste domingo vem desconstruir estas falsas imagens que fomos formando.

O Livro do Deuteronomio transmite-nos as palavras de Moisés que apresentam o mandamento de Deus de praticar a Lei como uma coisa sagrada e fundamental na vida do Povo de Israel: «guardareis os man-

damentos do Senhor, vosso Deus». «Observai-os e ponde-os em prática: eles serão a vossa sabedoria e a vossa prudência». Aliás, “Deuteronomio” significa literalmente “segunda lei”, pela sua descoberta no Templo de Jerusalém, cerca de 622 a.C., no reinado de Josias. A Lei de Deus é aqui apresentada como um caminho seguro que nos leva ao próprio Deus. Uma forma de compreender este caminho é pensar no deserto. Perdido no meio das dunas, todo o traço de caminho se torna uma esperança de chegar a um oásis seguro. Assim são os Mandamentos da Lei de Deus. Se os vivermos com fidelidade, estamos certos de estar na estrada segura para Deus, a cum-

prir a sua vontade e a tornar as nossas vidas mais divinas.

A vida de Jesus foi, toda ela, uma concretização da vontade do Pai. As suas escolhas e opções tinham como referência o agir do próprio Deus e a sua preocupação em proteger aqueles que ama do mal que existe no mundo. Mas a Lei, desenraizada da vida concreta do ser humano, pode tornar-se tudo menos caminho para Deus. No confronto com os fariseus, que cumpriam escrupulosamente a Lei sem a acompanharem de gestos de misericórdia, Jesus evoca o profeta Isaías quando diz: «Bem profetizou Isaías a respeito de vós, hipócritas, como está escrito: 'Este povo honra-Me com os lábios, mas o seu coração está longe de Mim. É vão o culto que Me prestam, e as doutrinas que ensinam não passam de preceitos humanos'. Vós deixais de lado o mandamento de Deus, para vos

prenderdes à tradição dos homens». Este episódio, que nos é trazido pelo Evangelho segundo S. Marcos, faz-nos reflectir sobre a forma como cruzamos a fidelidade à vontade de Deus com o acolhimento de quem nos rodeia. Como diz o Papa Francisco, «a misericórdia salva-nos da hipocrisia da lei», porque só ela vê as necessidades das pessoas que sofrem, tantas vezes vítimas da maldade de outros, de ideologias que escravizam, de interesses económicos, políticos e sociais.

Há que viver unido a Deus em fidelidade à sua vontade, sem perder do horizonte a vida concreta das pessoas. Como diz a Epístola de S. Tiago, «acolhei docilmente a palavra em vós plantada, que pode salvar as vossas almas. Sede cumpridores da palavra e não apenas ouvintes», agindo com misericórdia e compaixão.

Seg, 31 – SEMANA XXII DO TEMPO COMUM

1 Tes 4, 13-18 / Slm 95 (96), 1.3-5.11-13 / Lc 4, 16-30

Para anunciar a boa nova aos pobres. (Evangelho)

Jesus veio anunciar a boa nova aos pobres. Porquê? Porque os pobres são os que precisam. O leitor precisa de Deus? Claro, dirá o leitor. Então diga-me, o que é que mudaria na sua vida se Deus não existisse? Mudaria tudo. O leitor enlouqueceria. Deus não é o amor? Se Deus não existisse, se o amor não existisse, enlouquecíamos. Hoje, agradeça a Deus ser o amor ou contemple o amor em Deus.



Boa Nova para cada dia / Setembro 2015

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

António Santana, s.j. (Domingos)

Tempo Comum – *Natividade da Virgem Santa Maria / Exaltação da Santa Cruz / S. Mateus, Apóstolo / S. Miguel, S. Gabriel e S. Rafael, Arcanjos*

Ter, 1 – SANTA BEATRIZ DA SILVA (Memória)

1 Tes 5, 1-6.9-11 / Slm 26 (27), 1.4.13-14 / Lc 4, 31-37

Falava com autoridade. (Evangelho)

Jesus falava com autoridade e maravilhava, fazia milagres e atraía, ressuscitava e deslumbrava, transfigurava-Se e fascinava. E nada disso atingiu verdadeiramente os corações dos discípulos, confusos e medrosos até à vinda do Espírito Santo. O Espírito Santo é força, luz e é a nossa intimidade com Cristo. «O Espírito reza em nós com gemidos inefáveis», diz-nos S. Paulo. O leitor, hoje, peça ao Espírito Santo que o ensine a rezar. (Eu sei que o leitor acha que sabe, mas peça.)

Qua, 2 – SEMANA XXII DO TEMPO COMUM

Col 1, 1-8 / Slm 51 (52), 10.11ab.11cd / Lc 4, 38-44

Jesus (...) impedia-os de falar. (Evangelho)

Os demónios diziam que Jesus era o filho de Deus e Jesus não queria que o dissessem. Ainda não tinha chegado a hora de ser anunciado que era o Messias. Nós adoramos dizer aquele segredinho que vai cair que nem uma bomba. Estar na posse de um segredo é sempre poder, é superioridade. O demónio adora mostrar poder. O leitor reze para não usar o poder ilegitimamente.

Qui, 3 – S. GREGÓRIO MAGNO (Memória)

Col 1, 9b-14 / Slm 97 (98), 2-3ab.3cd-4.5-6 / Lc 5, 1-11

Afasta-Te de mim, que sou um homem pecador. (Evangelho)

Graças a Deus, verdadeiramente graças a Deus, podemos dizer: “Senhor, vem a mim, que sou um homem pecador”. É uma coisa

extraordinária. Nas religiões que conhecemos, normalmente, quanto mais perfeita é a pessoa, mais próxima está de Deus. Mas na nossa, quanto mais pecadores somos, mais Deus Se aproxima de nós. Não espera pela nossa perfeição para deixar que nos aproximemos d'Ele. O leitor, hoje, peça a Deus que lhe cure as suas feridas.

Sex, 4 – SEMANA XXII DO TEMPO COMUM

1ª SEXTA-FEIRA

Col 1, 15-20 / Slm 99 (100), 2-5 / Lc 5, 33-39

Os teus discípulos comem e bebem. (Evangelho)

Jesus veio revogar as leis do Antigo Testamento com uma lei nova: «que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei». Esta lei, o primeiro e o segundo mandamentos, era tudo o que interessava reter quanto a leis. Os discípulos de Jesus já não estavam amarrados às leis do Antigo Testamento, como depois S. Paulo explicará. O critério será a lei do amor. (Só que amar é muito difícil.) Qual é a lei do leitor? A exterior, que lhe apazigua a consciência, ou a interior, que o desafia?

Sáb, 5 – SEMANA XXII DO TEMPO COMUM

1º SÁBADO

Col 1, 21-23 / Slm 53 (54), 3-4.6.8 / Lc 6, 1-5

O Filho do homem é senhor do sábado. (Evangelho)

E nós somos irmãos do Filho do homem. Nós somos senhores das leis, e em nome das leis pode fazer-se muitas coisas ilegítimas. A lei última é a nossa consciência e o descanso na lei pode ser uma forma de preguiça moral, uma maneira de não aplicarmos a nossa consciência como, no fundo, achávamos que devíamos. O leitor medite e veja por que lei se rege. Se pela do coração, se pela exterior. (Não diga as duas. É uma resposta muito fácil.)

Dom, 6 – DOMINGO XXIII DO TEMPO COMUM – Ano B

Is 35, 4-7a / Slm 145 (146), 7.8-9a.9bc-10 / Tg 2, 1-5 / Mc 7, 31-37

Este domingo somos convidados a colocar-nos na lógica de Deus que vem para nos salvar. Actuante ao longo da história da humanidade, continuamos ainda hoje a ser interpelados para nos comprometermos no projecto da construção do Reino de Deus.

O Livro de Isaías traz-nos uma das mais belas profecias do Messias esperado. Há-de vir para aliviar os corações perturbados, para os serenar no momento do sofrimento, para os acompanhar na dor e na desilusão. Diz o Profeta: «Tende coragem, não temais. Aí está o vosso Deus; vem para fazer justiça e dar a recompensa; Ele próprio vem salvar-nos». Deus envia o seu Filho como Salvador e Redentor da humanidade. Não é um simples mensageiro que vem em nosso socorro, é o Filho Unigénito que Se faz um de nós. Encarnado, conhece em profundidade o mistério da vida humana sujeita às tentações, às dificuldades em manter-se fiel, ferida pelo pecado e pela morte. Na expectativa dessa vinda, anuncia Isaías que «se abrirão os olhos dos cegos e se desimpedirão os ouvidos dos surdos. Então o coxo saltará como um veado e a língua do mudo cantará de alegria». Na imagem dos cegos que recu-

peram a vista, dos surdos que readquirem a audição, do coxo que se torna ágil como o veado e do mudo que canta de alegria está prefigurada a vida nova, transformada e revigorada, que Cristo traz com a sua vinda.

Todos temos as nossas cegueiras na vida, quando parece que só há noite nos nossos dias; experimentamos a surdez quando não somos capazes de ouvir a voz de Deus que nos acalenta, em tantas horas de oração passadas mais em aridez que na desejada consolação; cambaleamos quando nos sentimos tentados e nos faltam as forças para nos mantermos fiéis ao Senhor; por fim, sentimos a mudez que nos impede de falar com clareza quando nada corre bem. Foi por nós, por tudo o que vivemos, que Jesus Se fez homem. Diante desta constatação, não podemos perder a confiança e o optimismo. Se há dias mais mal passados, outros virão cheios de alegria e entusiasmo.

Vivemos já nos tempos messiânicos da vinda definitiva do Salvador. Somos, de certa forma, como o surdo que mal podia falar e que é levado a Jesus. No Evangelho de S. Marcos, encontramos este extraordinário encontro no qual Jesus diz com voz imperiosa: «Effthá», que

quer dizer «Abre-te». E o texto continua observando que «imediatamente se abriram os ouvidos do homem, soltou-se-lhe a prisão da língua e começou a falar correctamente». Ouçamos a voz de Cristo libertador, que nos continua a dizer «Abre-te à minha novidade, vira-te para fora, coloca-te ao serviço dos outros e nada te faltará».

A Epístola de S. Tiago recorda, por fim, que «a fé em Nosso Senhor Jesus Cristo não deve admitir acepção de pessoas». Se o dom da salvação nos é dado gratuitamente, não podemos proceder de outra forma com o nosso semelhante. Se recebemos de graça, temos de dar de graça a vida renovada a quem mais sofre.

Seg, 7 – SEMANA XXIII DO TEMPO COMUM

Col 1, 24 – 2, 3 / Slm 61 (62), 6-7.9 / Lc 6, 6-11

Para verem se Ele ia curar ao sábado e encontrarem assim um pretexto para O acusarem. (Evangelho)

Se queremos denegrir alguém, todos os pretextos são bons, mesmo as boas coisas que a pessoa faz. Já tenho visto isso várias vezes. A questão é o que temos no nosso coração. Se odiamos o nosso irmão, tudo o que ele faz é mal feito. E nem sequer é preciso haver ódio. Longe disso. Basta que ele nos irrite levemente e já estamos sempre a implicar com ele. Como é que o leitor reage? O que é que tem lá no fundo do coração?

Ter, 8 – NATIVIDADE DA VIRGEM SANTA MARIA (Festa)

Miq 5, 1-4a / Slm 12 (13), 6ab.6cd / Mt 1, 1-16.18-23

Resolveu repudiá-la em segredo. (Evangelho)

Quando queremos fazer bem, arranjamos sempre ocasião. S. José tinha aqui uma boa ocasião de tornar o seu repúdio público, porque mais tarde ou mais cedo ele seria manifesto. Mas fez o que estava nas suas mãos para fazer o bem possível. É isso que o leitor faz?

Qua, 9 – SEMANA XXIII DO TEMPO COMUM

Col 3, 1-11 / Slm 144 (145), 2-3.10-11.12-13ab / Lc 6, 20-26

Bem-aventurados vós, que agora tendes fome... (Evangelho)

Esta fome não é de pão, mas de Deus. Onde é que nisto está a bem-aventurança? Está na consciência da necessidade. A fome é o sentir a necessidade de alimento. Ter fome de Deus é fundamental para nos abriremos a Ele. Esta fome tem que ser renovada por nós. A fome física surge espontaneamente. Esta, está nas nossas mãos fomentá-la, para que Deus possa entrar sempre cada vez mais em nós. Hoje, o leitor peça a Deus que lhe envie o seu Espírito e que este o penetre profundamente.

Qui, 10 – SEMANA XXIII DO TEMPO COMUM

Col 3, 12-17 / Slm 150, 1-6 / Lc 6, 27-38

Orai por aqueles que vos injuriam. (Evangelho)

É difícil rezarmos por aqueles que nos insultam, porque o que nós queremos é ver as pessoas pelas costas, pois a lembrança dessas pessoas aviva o insulto. Mas temos que fazer um esforço por rezar por essas pessoas. É um passo para as perdoarmos. O problema é se o insulto é permanente. Devemos, então, se possível, afastarmo-nos da pessoa. E aí rezar por ela torna-se muito difícil. Nessa altura, cultivemos o desejo de rezar por ela.

Sex, 11 – SEMANA XXIII DO TEMPO COMUM

1 Tim 1, 1-2.12-14 / Slm 15 (16), 1-2a.5.7-8.11 / Lc 6, 39-42

Tira primeiro a trave da tua vista... (Evangelho)

Às vezes, já tirámos a trave da nossa vista. Jesus não nos diz que só existe a trave na nossa vista e que o nosso irmão não tem argueiro. Manda-nos tirar a trave primeiro. Mas uma vez tirada, podemos tirar o argueiro. Tirar a trave quer dizer desbloquear a capacidade de amar com um grande amor. Só com um grande amor é que podemos tirar o argueiro do olho do nosso irmão sem o magoar. O leitor é capaz? (Do grande amor.)

Sáb, 12 – SEMANA XXIII DO TEMPO COMUM

1 Tim 1, 15-17 / Slm 112 (113), 1-2.3-4.5a e 6-7 / Lc 6, 43-49

A boca fala do que transborda do coração. (Evangelho)

Portanto, o que nós dizemos reflecte o que temos no coração. Assim, as nossas falas são uma espécie de “exame de consciencio-cardiograma”, se o leitor quiser. É uma questão de estar atento ao que se diz. Ora, passe a estar atento. O leitor reze para o Espírito Santo o iluminar sobre como fazer isto.

Dom, 13 – DOMINGO XXIV DO TEMPO COMUM – Ano B

Is 50, 5-9a / Slm 114 (116), 1-2.3-4.5-6.8-9 / Tg 2, 14-18 / Mc 8, 27-35

Muitas vezes lemos nos Evangelhos o convite de Jesus: «Vem e segue-Me». Responder com prontidão a este desafio é algo sempre actual, em cada momento da nossa vida. Quais são as condições para seguir Jesus? Como fazê-lo nas pequenas coisas do dia-a-dia? A liturgia da Palavra deste domingo traz-nos algumas luzes.

Começamos com a Epístola de S. Tiago, que lemos na segunda leitura. Afirma o Apóstolo que a fé, sem obras, de nada vale. O Apóstolo chega mesmo a dizer que «a fé sem obras está completamente morta». São palavras exigentes e directas, que não deixam lugar para dúvidas. De nada vale saber muito sobre o mistério de Deus, se depois o agir quotidiano não está em sintonia com a fé que acredita. No final dos Exercícios Espirituais, encontramos algo de semelhante a esta relação entre a fé e a vida, quando Santo Inácio de Loiola apresenta a chamada

«Contemplação para alcançar amor». Como nota à oração, diz que, em primeiro lugar, o amor se deve pôr mais nas obras que nas palavras; depois, que o amor consiste na comunhão recíproca, ou seja, é dar e receber. «Uma fé que não dá fruto em obras não é fé», diz o Papa Francisco. Esta é uma primeira condição do seguimento, que os gestos que praticamos de amor para com o próximo sejam imagem e semelhança de Cristo.

O Livro de Isaías leva-nos mais longe. Na imagem profética do chamado “servo sofredor” encontramos Jesus que deu a vida pela salvação da humanidade: «Apresentei as costas àqueles que me batiam e a face aos que me arrancavam a barba; não desviei o meu rosto dos que me insultavam e cuspiam. Mas o Senhor Deus veio em meu auxílio». O relato projecta-nos na Paixão e nos sentimentos de Cristo: misericórdia diante dos perseguidores, aceitação do

sofrimento como caminho redentor, confiança no auxílio que vem do Pai. Seguir Jesus é, então, colocar-se inteiro nas mãos de Deus, mais pronto a construir um caminho de comunhão que a reclamar das desgraças da vida. Deus providencia nas horas de maior dificuldade, se Lhe formos fiéis e verdadeiros.

Jesus, de facto, cumpriu em plenitude esta profecia. No Evangelho de S. Marcos, encontramos hoje o primeiro anúncio da Paixão, que nos fala da atitude com que o cristão deve seguir o seu Senhor: «Se alguém quiser seguir-Me, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me. Na

verdade, quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; mas quem perder a vida, por causa de Mim e do Evangelho, salvá-la-á». O mistério da cruz não nos deve meter medo, mas dar esperança, na certeza de que Deus vela por cada um de nós. A acompanhar esta atitude, o Evangelho oferece-nos ainda a confissão messiânica de Pedro. À interpelação de Jesus: «Quem dizeis que Eu sou?», Pedro responde: «Tu és o Messias». Jesus continua hoje a fazer-nos a mesma pergunta. O que sabemos dizer sobre Jesus? Quem é Cristo para cada um de nós? Que lugar ocupa Ele na nossa vida?

Seg, 14 – EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ (Festa)

Num 21, 4b-9 / Slm 77 (78), 1-2.34-35.36-37.38 / Jo 3, 13-17

Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho. (Evangelho)

O dia da Exaltação da Santa Cruz não deve ser um dia triste, mas um dia alegre. A Igreja comemora o amor no seu grau máximo e, mais do que isso, a revelação do amor de Deus. Este dia simboliza a revelação de que o amor de Deus por nós não tem limites. Jesus, sendo a encarnação de Deus, amou infinitamente. Não podia ser de outra maneira. Que hoje a oração do leitor seja uma contemplação deste maravilhoso mistério.

Ter, 15 – NOSSA SENHORA DAS DORES (Memória)

Heb 5, 7-9 / Slm 30 (31), 2-6.14-16ab.20 / Lc 2, 33-35

Para ser sinal de contradição... (Evangelho)

Deus põe em relevo as contradições presentes no nosso espírito. Jesus trá-las ao de cima. Mas nós temos a capacidade de

abafar essas contradições. A isso chama-se não querer ouvir a consciência. Deixemos que Jesus nos interpele, que seja sinal de contradição. Medite sobre isto.

Qua, 16 – S. CORNÉLIO E S. CIPRIANO (Memória)

1 Tim 3, 14-16 / Slm 110 (111), 1-2.3-4.5-6 / Lc 7, 31-35

A sabedoria é justificada por todos os seus filhos. (Evangelho)

Justifiquemos, então, a sabedoria. Não só a nossa, mas a dos nossos irmãos. Acolhamos a sabedoria do que os nossos irmãos dizem, o que implica ouvi-los, coisa que nem sempre estamos dispostos a fazer. Ouvindo-os, justificamos a sabedoria. Ouvindo a nossa voz interior, justificamos a nossa sabedoria. Hoje, peçamos a graça da sabedoria.

Qui, 17 – SEMANA XXIV DO TEMPO COMUM

1 Tim 4, 12-16 / Slm 110 (111), 7-10 / Lc 7, 36-50

... porque muito amou. (Evangelho)

Neste texto, Jesus diz sobre uma mulher: «Ser-lhe-ão perdoados os seus muitos pecados porque muito amou». E depois diz a essa mulher: «a tua fé te salvou». São os ingredientes essenciais da nossa religião: acreditar e amar. Se acreditarmos e amarmos teremos os nossos pecados perdoados e seremos salvos. Quanto mais amarmos, mais seremos perdoados. Daí que nunca possamos julgar o próximo... Hoje, o leitor dê graças por alguém.

Sex, 18 – SEMANA XXIV DO TEMPO COMUM

1 Tim 6, 2c-12 / Slm 48 (49), 6-7.8-10.17-18.19-20 / Lc 8, 1-3

... mulher de Cusa, administrador de Herodes. (Evangelho)

As mulheres, que se adivinha ricas, serviam os discípulos com os seus bens. Estavam agradecidas. Antes, as pessoas sentiam-se obrigadas a contribuir para o sustento do seu padre, o sustento do edifício da sua igreja. Hoje em dia, vai-se perdendo a ideia da comunidade sustentar o seu padre. Será preciso encontrar novas fórmulas, mas entretanto o leitor não se esqueça que o seu

pároco não vive do ar e que aquela moedinha que põe todos os domingos no cestinho talvez não chegue. Já rezou sobre isso?

Sáb, 19 – SEMANA XXIV DO TEMPO COMUM

1 Tím 6, 13-16 / SIm 99 (100), 2-5 / Lc 8, 4-15

Sob o peso... (Evangelho)

Reparemos que, neste texto, o Senhor não nos diz que a riqueza material e os cuidados da vida são coisas más em si. O problema é quando estamos obcecados pela riqueza e pelos cuidados. A riqueza pode embebedar e dar uma sensação de segurança que é falsa porque exclui Deus. Os cuidados da vida podem obcecar e fazer esquecer tudo. É preciso conseguirmos manter a cabeça fora da água e isso consegue-se através da oração. O leitor faça um esforço.

Dom, 20 – DOMINGO XXV DO TEMPO COMUM – Ano B

Sab 2, 12.17-20 / SIm 53 (54), 3-4.5.6.8 / Tg 3, 16 – 4, 3 / Mc 9, 30-37

A liturgia da Palavra deste dia faz o elogio da sabedoria de Deus e recorda que a sabedoria humana nem sempre se rege pelos mesmos valores. Como cristãos, inseridos no mundo em que vivemos, temos de ser testemunhas do modo de ser e de agir de Cristo.

O Livro da Sabedoria traz-nos a reflexão dos ímpios que desafiam a fidelidade dos homens justos e piedosos. Estamos no século I a.C., num mundo judaico muito tentado pela cultura grega. Numa lógica de vida e de valores bem diferentes dos do Povo de Israel, o mundo helenizado atreve-se mesmo a sugerir: «Vejam-se as suas palavras são

verdadeiras, observemos como é a sua morte. Porque, se o justo é filho de Deus, Deus o protegerá e o livrará das mãos dos seus adversários». Em continuidade com este texto, a Epístola de S. Tiago observa que «a sabedoria que vem do alto é pura, pacífica, compreensiva e generosa, cheia de misericórdia e de boas obras, imparcial e sem hipocrisia». Por seu lado, «onde há inveja e rivalidade, também há desordem e toda a espécie de más acções». A sabedoria é o conhecimento de Deus, Criador de todas as coisas, o entendimento do mistério da Encarnação de Cristo. Só tem valor se é impregnada da caridade, pelo que o verdadeiro Sábio

não é só o que sabe as coisas de Deus, mas também o que as experimenta e vive com sentido de missão. Iluminado por este dom, o cristão sabe aperceber-se interiormente de Deus nas realidades do mundo e faz da sua vida uma dádiva para quem vive ao seu lado. Como vamos educando a nossa sabedoria sobre as coisas de Deus?

O Evangelho segundo S. Marcos segue o quadro da liturgia da Palavra, aplicando os critérios da sabedoria a Jesus e aos seus discípulos. Jesus anuncia a sua Paixão e morte como o sábio caminho de liberdade de quem se orienta pela vontade do Pai: «O Filho do homem vai ser entregue às mãos dos homens e eles vão matá-Lo; mas Ele, três dias depois de morto, ressuscitará». Por seu lado, os discípulos continuam fechados na sabedoria do mundo, orientada pelo poder e pelo prestígio, discutindo entre si sobre quem seria o maior. O contraste é evidente entre o amor de Jesus, preocupado em salvar todos os homens dos la-

ços da escravidão e do pecado, e o amor pouco purificado dos discípulos, interessados em adquirir um posto privilegiado junto do Mestre. Jesus é muito claro quando afirma: «Quem quiser ser o primeiro será o último de todos e o servo de todos». Nem sempre é fácil compreender estas palavras. Jesus não está a dizer para sermos ingénuos nem que devemos condescender em tudo o que nos dizem; muito pelo contrário, temos de ser audazes no anúncio da Boa Nova. Mas, no que toca ao serviço, somos desafiados a colocarmos numa atitude de entrega, de quem promove o outro e é capaz de se baixar para lhe lavar os pés, como Cristo na Última Ceia. É na medida em que nos damos que nos enriquecemos; quanto mais nos virarmos para fora, ao encontro de quem sofre e vive marginalizado, mais nos sentimos protegidos por Deus. Então, todos juntos, cantaremos como o salmista: «Deus vem em meu auxílio, o Senhor sustenta a minha vida».

Seg, 21 – S. MATEUS, APÓSTOLO (Festa)

Ef 4, 1-7.11-13 / Slm 18 A (19 A), 2-3.4-5 / Mt 9, 9-13

Muitos publicanos e pecadores... (Evangelho)

Jesus atraía os pecadores e os desprezados pelas outras pessoas, que eram os publicanos. Tinha uma mensagem de esperança na

salvação, uma mensagem de misericórdia, uma mensagem que falava do amor de Deus, carinho, paizinho (abba). (Sentido que nós perdemos... Não sabemos que fazer com isso.) Com que olhos o leitor olha para o seu irmão?

Ter, 22 – SEMANA XXV DO TEMPO COMUM

Esd 6, 7-8.12b.14-20 / Slm 121 (122), 1-2.3-4a.4b-5 / Lc 8, 19-21

Mas não podiam chegar junto d'Ele. (Evangelho)

Alguns de nós quereríamos furar no meio da multidão porque, afinal, éramos a Mãe de Jesus. Outros quereríamos abrir caminho para a mãe de Jesus, cheios de importância por nos darmos com a mãe de uma personalidade. Em qualquer dos casos, a nossa importância viria de outrem. Muita da nossa importância vem das nossas relações. Enquanto for assim, esquecemos a relação com Deus. Hoje, o leitor reze sobre as suas relações.

Qua, 23 – SEMANA XXV DO TEMPO COMUM

Esd 9, 5-9 / Tob 13, 2.3-4a.4bcd.5.8 / Lc 9, 1-6

Deu-lhes autoridade sobre todos os demónios. (Evangelho)

Temos nós autoridade sobre os nossos demónios? Vamos por partes. Sabemos quais são os nossos demónios? Depois, ou temos autoridade sobre os nossos demónios ou podemos entregá-los a Deus. Alguns são muito difíceis de expulsar. É por isso que são demónios, aquilo que nos atormenta há muito (ou pouco) tempo. Temos que ter coragem de o(s) olhar de frente e entregar a Deus. Reze, hoje, sobre isso.

Qui, 24 – SEMANA XXV DO TEMPO COMUM

Ag 1, 1-8 / Slm 149, 1-2.3-4.5-6a.9b / Lc 9, 7-9

Quem é este homem? (Evangelho)

Quem diz o leitor que Cristo é? Já sabemos que é Deus. Que, ao mesmo tempo, e na mesma pessoa, foi uma pessoa humana. Mas quem é Jesus Cristo para si? Como é que se relaciona com Ele e quem diz aos outros que Ele é? Claro que não anda a dizer às

peessoas quem Jesus Cristo é, mas como é que a sua maneira de estar o expressa?

Sex, 25 – SEMANA XXV DO TEMPO COMUM

Ag 1, 15b – 2, 9 / Slm 42 (43), 1.2.3.4 / Lc 9, 18-22

Jesus orava sozinho. (Evangelho)

Esta especificação quer dizer que Jesus também rezava acompanhado. Pelo menos, em duas ocasiões temos a certeza de o ter feito. Na paixão e quando ensinou o Pai-Nosso aos discípulos. Noutra ocasião, queria rezar acompanhado mas os apóstolos adormeceram: no horto. Parece-me que podemos, pois, não só rezar a Jesus, mas também pedir-Lhe para rezar connosco.

Sáb, 26 – SEMANA XXV DO TEMPO COMUM

Zac 2, 5-9.14-15a / Jer 31, 10-13 / Lc 9, 43b-45

Tinham medo. (Evangelho)

Os discípulos tinham medo de esclarecer as dúvidas sobre a paixão. Deviam ter medo do que iam ouvir. Isso também nos pode acontecer. Ou connosco ou nas nossas conversas com Deus. Mas adiar os nossos medos não serve de nada. Mais vale enfrentá-los desde logo. O leitor anda a fugir de alguma coisa? Não responda de repente. Veja isso frente a Deus.

Dom, 27 – DOMINGO XXVI DO TEMPO COMUM – Ano B

Num 11, 25-29 / Slm 18 (19), 8.10.12-13.14 / Tg 5, 1-6 / Mc 9, 38-43.45.47-48

Um dos problemas das comunidades cristãs é ficarem fechadas sobre si mesmas, convencidas de serem auto-suficientes no caminho da fé, pouco abertas à novidade do que vem de outros carismas e espiritualidades que compõem a diversidade da Igre-

ja. A liturgia da Palavra deste dia vem alertar-nos para este perigo.

A primeira leitura, retirada do Livro dos Números, traz-nos um episódio da caminhada do Povo de Israel, saído da escravidão do Egipto, a caminho da Terra Prometida. Através do seu Espírito,

Deus multiplica o carisma profético por alguns elementos do Povo, setenta anciãos escolhidos, mas aparecem outros que recebem os mesmos dons da profecia. Desconfiado, o povo começa a murmurar contra a atitude de quem, aparentemente, não fazia parte do grupo designado para esta missão. De coração aberto à novidade da acção de Deus, Moisés não toma uma atitude defensiva, acolhe o carisma que estes homens receberam e dirige-se à multidão dizendo: «Quem dera que todo o povo do Senhor fosse profeta e que o Senhor infundisse o seu Espírito sobre eles!» À semelhança de Moisés, estamos nós abertos à acção e à manifestação do Espírito Santo no coração daqueles com quem nos relacionamos? Não estaremos, muitas vezes, por preconceitos, a impedir que Deus Se revele por quem menos esperamos?

O excerto do Evangelho segundo S. Marcos, que nos é proposto, continua o discurso de Moisés. Indignados, os discípulos vão ter com Jesus porque anda alguém a actuar em seu nome, expulsando demónios. Dizem ainda que procuraram impedi-lo de exercer essa missão porque ele não anda com eles nem faz parte do grupo escolhido. Jesus surpreende-

-os com uma atitude diferente, conhecedor do modo de agir de Deus sobre o coração dos homens: «Não o proibais; porque ninguém pode fazer um milagre em meu nome e depois dizer mal de Mim. Quem não é contra nós é por nós». Não podemos ser intolerantes no que respeita à acção do Espírito Santo no seio da Igreja. Provavelmente, sentimo-nos incorporados na comunidade eclesial a partir de uma espiritualidade própria, de uma forma de rezar e de expressar culturalmente a fé. Mas temos de reconhecer que a nossa visão não deve ser absoluta e sectária, como se a diferença fosse negativa. Absoluto é só Jesus Cristo e a sua mensagem e um critério de autenticidade e pertença é a fidelidade ao Magistério da Igreja e ao Santo Padre. De resto, as diferenças só acentuam a capacidade de Deus chegar a mundos culturais e sociais diferentes do nosso. Foi o que aconteceu no Pentecostes, quando a comunidade cristã se constituiu e se estruturou a partir dos carismas concedidos a cada um.

Esta acção de Deus continua ainda hoje no seio da Igreja. Se a negamos ou nos fechamos à diversidade, perdemos a ligação a Cristo, Cabeça do corpo que

compõe a Comunidade. E arriscamo-nos, como diz a Epístola de S. Tiago, a acumular riquezas

de orgulho e de vaidade que nos afastam da lógica da misericórdia de Deus.

Seg, 28 – SEMANA XXVI DO TEMPO COMUM

Zac 8, 1-8 / Slm 101 (102), 16-21.29 e 22-23 / Lc 9, 46-50

Quem for o mais pequenino. (Evangelho)

O mais pequenino não é saliente, não domina, está onde é preciso, não trepa, não procura o poder, não se insinua. O mais pequenino está atento e tem tempo para estar atento. O mais pequenino numa mesa, muitas vezes não fala. O mais pequenino serve. O mais pequenino é o que não se impõe. O mais pequenino é o que não atropela o outro. O leitor a que grupo pertence?

Ter, 29 – S. MIGUEL, S. GABRIEL E S. RAFAEL, ARCANJOS (Festa)

Dan 7, 9-10.13-14 / Slm 137 (138) 1-5 / Jo 1, 47-51

Aumentastes a fortaleza da minha alma. (Salmo)

O salmo de hoje não louva o Senhor por Ele ter concedido alguma vitória ou algum bem material, como é tantas vezes o caso no Antigo Testamento, mas por Ele ter aumentado a fortaleza de alma do salmista. Muitas vezes, precisamos de fortaleza de alma e esquecemo-nos de a pedir a Deus. O leitor precisa? E depois também nos esquecemos de agradecer. O leitor agradece?

Qua, 30 – S. JERÓNIMO (Memória)

Ne 2, 1-8 / Slm 136 (137), 1-6 / Lc 9, 57-62

... o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça. (Evangelho)

Há uma passagem, no Evangelho de S. Marcos, em que Jesus atravessa um lago, dormindo numa embarcação, com a cabeça apoiada numa almofada(!). Neste Evangelho, lemos que «o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça». Parece que, entre um e outro, Jesus perdeu a almofada. É evidente que o sentido da frase em causa é metafórico. É que a construção do Reino de Deus não permite descanso, nem que olhemos para trás. O leitor olha?